



O CORPO E AS RELAÇÕES DE PODER NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO PÓS-ESTRUTURALISTA

Francisco Diemerson de Sousa Pereira¹
Dinamara Garcia Feldens²
Francis Deon Kich³

O Corpo em Evidência

O corpo vem sendo construído historicamente e culturalmente, sendo modificado pouco a pouco, com as movimentações em cada cultura, as novas descobertas e as novas formas de se sentir o próprio corpo, como afirma GOELLNER (2007,p.28), “*o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos e etc.*”

A modernidade, na afirmação dos padrões e dos enquadramentos, também delimitou o espaço do corpo. Dóceis, morais e iguais, os corpos precisam também estarem alinhados com um modelo, afinal “*O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso*” (FOUCAULT, 1997, p. 28).

A escola age nesta dinâmica de controle do corpo a partir do exercício da disciplina. A composição de uma sala de aula, a forma de organização das rotinas escolares, as práticas de ordenamento corporal e a própria ação da educação física se desenvolvem de maneira a colocar o corpo dentro de uma posição de controle, um disciplinamento que possa refletir os princípios morais que norteiam a inserção do indivíduo na sociedade.

Ao mesmo tempo, o disciplinamento do corpo nos remete diretamente a um exercício de controle das sexualidades. A corpo enquadrado dentro de um modelo padrão heteronormativo, o homem interessa-se naturalmente pelo sexo oposto e da mesma forma a mulher interessa-se pelo homem. Diferentes orientações fogem à regra disciplinar, estão fora do modelo e, por isso, tendem a ser olhados com anormalidade.

Louro (2001, p. 17) nos remete a esses modelos estipulados pelas relações de poder ao nos apresentar como se apresenta essa sexualidade modelada, exigida e vigiada, em que afirma que a

¹ Graduado em História. Mestrando em Educação pela Universidade Tiradentes. Bolsista FAPITEC/PROCAPS/UNIT. (franciscodiemerson@gmail.com)

² Doutora em Educação. Professora do Mestrado em Educação da Universidade Tiradentes (dfeldens@hotmail.com) .

³ Graduado em Psicologia. Mestrando em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe. (francisdeonkich@yahoo.com.br)



“heterossexualidade é concebida como “natural” e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Conseqüentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais.”

Corpos Diferentes: Travestis e Transexuais

Nesta perspectiva do corpo disciplinado e alinhado em uma forma modelar que partimos para uma pesquisa que buscasse compreender quais olhares e dispositivos agem neste movimento de controle, porém, produzindo esta compreensão a partir de uma série de entrevistas com travestis e transexuais.

Estes encontros possibilitaram entender o processo de identificação com o gênero, a sua relação familiar e, de maneira especial, a inserção na escola, suas modificações físicas, dificuldades durante esse processo e como se dava esta posição de “corpo diferente” inserido em uma lógica modelar escolar.

Em relação ao desenvolvimento e identificação com os gêneros, buscamos compreender, através das próprias falas de cada um dos sujeitos da pesquisa, sua posição na sociedade e também a escola, como podemos observar no relato de J.T que desde os oito anos de idade sabia que se sentia como uma travesti, sentindo intensa necessidade de vestir-se como mulher, mesmo sem nunca ter visto uma travesti ou saber o que isso significava, porém ao ser obrigada a mudar-se de estado e morar com um parente, viu pela primeira vez uma travesti e entendeu que era assim que gostaria de ser.

“eu nunca tinha visto uma travesti na minha vida, quando ele me levou na rua eu fiquei impressionada, vi aquelas travestis tão bonita, com aquele corpão, eu disse meu deus é assim que eu quero ficar, aí aquilo vai incentivando mais né. E com 10 anos eu botei a minha primeira roupa de mulher, com 10 anos de idade, lá.”⁴

N. nos mostra o seu desenvolvimento infantil com a utilização de roupas e acessórios femininos e ainda a necessidade de utilizá-los de forma escondida dos pais. N. nos conta que já sabia como queria ser e relatou a seus pais o seu desejo: *“Eu já sabia que queria ser assim, aí um dia eu cheguei no almoço e disse, mãe eu quero ser uma travesti, minha mãe quase morreu e meu pai morreu de rir.”⁵*

A nossa terceira entrevistada L. nos apresenta um caso parcialmente diferente das outras duas entrevistadas, ela nos conta que

“Eu na verdade virei travesti tarde, eu sempre fui gay, mas travesti demorou. Percebi que gostava de meninos desde pequena uns 5 anos, eu já sabia que não gostava de meninas, só brincava com meninos, beijava e me

⁴ Entrevista concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 24 de maio de 2009.

⁵ Entrevista concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 14 de maio de 2009.



*apaixonei por um menino e minha avó sempre soube, porque eu fui criada por ela que minha mãe não tinha condições.*⁶

Podemos observar desde pequena a entrevistada sentia-se atraída por outros meninos, porém ainda não apresentava comportamentos e desejos de vestir-se como as meninas ou sentir-se verdadeiramente uma mulher. Somente com 14 anos a entrevistada L. sentiu a necessidade de exibir esses comportamentos, como ela mesmo nos conta ao dizer que

*“Eu até me vestia de menina, só que bem mais tarde, com uns 14 anos, gostava de pentear e maquiar as meninas, fazer tranças, brincar com bonecas e minha avó comprava pra mim essas coisas, não brigava se eu me maquiasse ou botasse roupa das minhas amigas e vizinhas. Eu não sabia o que era travesti, porque não sabia que existia, até posso ter visto uma, mas achava que era mulher. Então eu usava e brincava com as coisas de menina de forma natural, eu achava que era normal até com um namoradinho na época da escola. Aí descobri que ser gay não era normal, imagina travesti.”*⁷

Podemos observar através dos dados coletados que as três entrevistadas apresentaram comportamentos desde a infância e pré adolescência de trajar roupas femininas, a utilização de acessórios femininos, como pulseiras e a inclinação em brincadeiras consideradas de meninas.

Na entrevista com J.T ela nos fala do processo de modificação de seu corpo com o uso de hormônios em que tornasse o seu corpo mais feminino, com curvas mais arredondadas, afinasse sua voz e a colocação de próteses de silicone desenvolvendo seios femininos.

Ainda relata que a necessidade do trabalho com prostituição exige que elas realizem relações sexuais de forma ativa e passiva e que os homens que as procuram, procuram por algo diferente, exatamente como elas são, um corpo feminino, com órgãos sexuais masculinos e que realizada a operação elas perderiam esse diferencial, tornando-se mulher e que isso dificultaria o trabalho nas ruas e o seu meio de sobrevivência.

*“A gente que trabalha na prostituição, a gente tem que fazer os dois papéis, ativo e passivo, mas nem todas gostam, mas a gente tem que ganhar dinheiro, elas tem que fazer aquilo ali, senão elas não ganham dinheiro. Que a travesti que for pra rua e dizer que não é ativa e passiva é mentira, porque senão ela não ganha. Porque o homem que vai pra rua procurar uma travesti ele quer algo diferente, porque em casa ele já tem o feijão com arroz né (risos) Então ele quer algo diferente.”*⁸

A entrevistada N. nos conta que desde pequena já andava com roupas de menina após a morte de sua mãe e que na mesma época deu início ao seu trabalho com a prostituição devido ao fato de observar constantemente outras travestis em um bar próximo a sua casa. Observemos em suas próprias palavras:

“Eu já andava como menina, com roupas de menina nessa época, usava maquiagem, tinha cabelo grande, mas só vim mesmo tomar hormônio e colocar silicone aqui em Aracaju com 16 anos, me depilo toda, me cuido, como mulher. Lá onde eu morava tinha três travestis e eu já achava aquilo atraente, eu sabia que era homem

⁶ Entrevista concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 24 de maio de 2009.

⁷ Entrevista concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 20 de maio de 2009.

⁸ Entrevista concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 2 de junho de 2009.



pó causa da voz né?! E eu gostava de imitar, elas ficavam fazendo programa em um bar perto da minha casa que tocava aquelas lambadas (risos) Eu dizia que ia brincar na rua e ficava olhando elas, eu já queria ser igual, eu queria estar lá com aquelas roupas coloridas, maquiadas, com os homens me olhando, eu achava um máximo eles pagando bebida e elas sempre alegres falando alto e fumando, dançando. Os meninos mais velhos que diziam que elas ganhavam dinheiro para transar com os homens e que ali era homem vestido de mulher. Um ano depois disso minha mãe morreu, eu tinha 11 anos eu acabei indo fazer programa nesse bar mesmo sendo de menor, meu pai só bebia e eu passava a noite quase toda lá, e os homens adoravam porque eu era novinha e eu conseguia muito dinheiro deles aí eu namorei o dono do bar um tempo.”⁹

A entrevistada L. possui um percurso de vida diferenciado das outras duas entrevistadas, ela começou a desenvolver seu corpo com formas femininas um pouco mais tarde, como ela mesmo nos conta, não sente necessidade de cirurgia transgenital e nunca fez programa.

“Só quando terminei a escola, no segundo grau e fiz curso de cabeleireiro que me permiti mudar meu corpo e ser como sou hoje. Tomei hormônio, botei silicone, tenho meu cabelo liso e comprido como sempre sonhei e posso passar os dias como mulher, como eu gosto, me sinto bem.

Eu já tinha meu trabalho, meu dinheiro e vivia no meio da beleza, cabelo, maquiagem, fui me transformando, agora tenho cabelo grande e loiro como sempre quis e posso viver minha vida assim como mulher e me sinto feliz.

Não tenho vontade de fazer cirurgia não, sou passiva com meu marido e isso nunca atrapalhou e não me incomodou também, e também nunca fiz programa, não sei se porque demorei a me aceitar e me vestir como travesti ou se porque a vida me deu oportunidades ótimas e sempre fui aceita.”¹⁰

Corpo e poder na escola

Foucault estuda os mecanismos da disciplina escolar como poder exercido sobre os corpos, corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam (idem, p. 117).

Ao nos contar sobre o seu desenvolvimento no âmbito escolar, a entrevistada J.T nos fala das dificuldades enfrentadas perante seu comportamento e suas identificações com o gênero.

“acho que com oito anos de idade eu me sentia diferente dos meninos, eu não brincava com os meninos, eu brincava com as meninas, aí as professoras questionavam por que você só quer brincar com as meninas não com os meninos, aí mandavam recado pra minha mãe que tinha q ir na escola, conversar comigo, conversar em casa, porquê de eu não querer brincar com os meninos e aquela coisa, eu brigava com os meninos, não queria brincar de bola, só pegando boneca, aquelas coisas...e aí eu fui crescendo.”¹¹

Era discriminada por professores e pela própria família diante da sua escolha. Onde, inúmeras vezes, lhe era relatado que isso não era um comportamento normal, que ela era um menino e não uma menina e que devido a isso deveria se comportar como os outros, brincando com meninos e identificando-se com eles.

A presença de um outro que fuja do padrão heteronormativo escolar é também encarada como ameaça à disciplina, que produz e amplia os *métodos que permitem o controle minucioso das*

⁹ Entrevista concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 10 de junho de 2009.

¹⁰ Entrevista concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 15 de maio de 2009.

¹¹ Entrevista concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 20 de maio de 2009.



operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade (FOUCAULT, idem, p. 118)

Quando a mesma dizia que se sentia como uma menina e que não gostava das brincadeiras dos meninos e não se via como um, causou a sua expulsão da escola, demonstrando claramente o preconceito quanto ao gênero e as relações de poder existentes entre a escola e os alunos, bem como os seus valores institucionalizados diante da cultura em questão.

“Quando eu completei 9 anos de idade as professoras querem saber como vão os meninos, como vão as meninas, eu me sinto uma mulher, quando eu falei isso ela achou que eu ia acabar com a escola, aquilo foi como se fosse uma bomba, uma dinamite e aí mandou chamar meus pais pra uma conversa, que eu não tinha mais como estudar na escola porque a escola era pra homem e mulher, não pra afeminados, ela usou esse termo.”¹²

Devido a expulsão escolar a entrevistada foi obrigada a abandonar os estudos e a família, mudando de Estado e somente após vários anos, agora adulta, voltou a estudar em uma escola no Estado de Sergipe, cursando o supletivo. Relatando que sentiu-se aceita na escola, tanto pelos outros alunos, quanto por seus professores e pela diretora da escola. Sentindo-se feliz ao poder usar o seu nome feminino para responder as chamadas durante as aulas.

“E a minha chegada lá não foi tão polêmica como eu imaginava. Porque a gente cria assim, não vou voltar pra escola porque como é que eles vão me receber? A gente já passou por tanta coisa que a gente pensa assim. E quando eu cheguei lá o primeiro dia a professora disse assim, ói tem gente nova na escola, aí já fiquei toda valei-me meu deus e agora, ela chegou e disse, ói como é seu nome? Aí eu cheguei aí fiquei assim sem querer dizer, ela disse, não, não diga, escreva aqui no quadro seus dois nomes, o de registro e o social, aí eu escrevi e ela disse, como é que você quer ser chamada? Aí eu disse, Jéssica. Aí ela disse, ói meninos e meninas a partir de hoje pelo menos aqui nessa sala o nome dela é Jéssica. Aí aquilo já me senti bem, já to no caminho certo. E graças a deus já to no segundo ano lá, já to me sentindo em casa.”¹³

N. começa nos contando sobre o seu período escolar já nos dizendo que foi complicado por se tratar de um local no interior da Bahia e ser consideravelmente pequeno, onde todos se conheciam.

“Na escola foi complicado nessa época porque como o lugar era pequeno todo mundo sabia que eu era travesti e fazia programa. Os alunos riam de mim, me jogavam pedra, giz, me chamavam de viadinho, mulherzinha, boiola, essas coisas, algumas professoras me defendiam e já me chamavam de N. , porque eu brigava com raiva quando me chamavam pelo outro nome. Ficou insuportável pra mim estudar lá. Eu ficava sempre sozinha ou com as professoras, mas um dia me bateram uns meninos mais velhos aí eu nunca mais quis voltar com medo de apanhar de novo.”¹⁴

Nas palavras de N. podemos observar mais uma vez o profundo incomodo sentido pelas entrevistadas em relação a utilização do seu nome de registro (masculino) quando já apresentam comportamentos femininos e travestem-se diariamente, trocando de nome e sentindo intensa necessidade de ser chamada por ele, repugnando o nome masculino.

¹² Entrevista de J.T. concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 2 de maio de 2009.

¹³ Entrevista de J.T. concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 2 de maio de 2009.

¹⁴ Entrevista concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 24 de maio de 2009.



N. nos conta ainda que

“Eu ia de batom e saia, sandália como as meninas e chamava muita atenção porque meu corpo já era bem desenvolvido pra minha idade, mas eu não queria andar como homem de dia e mulher a noite e o diretor e as professoras não se incomodavam, o problema eram os alunos e as mães dos meninos dizendo que isso era imoral e que eu podia contaminar todo mundo, vê se pode. Aí eu não voltei mais.”¹⁵

Nesse caso podemos observar que o preconceito perante as suas escolhas, a discriminação e falta de informação da população da escola e familiares na época contribuiu fortemente para o abandono escolar da entrevistada, sentindo se envergonhada e amedrontada a ponto de não mais querer voltar a escola.

Durante a entrevista realizada com L. podemos observar a imensa diferença entre as relações de poder quando se trata de um comportamento considerado normal ou razoavelmente aceitável pela escola em comparação com um comportamento que supostamente foge dos padrões morais escolares e infantis.

L., entrevista em nos conta que

“Aí na escola foi tranqüilo, até porque eu me vestia como menino por mais que eu fosse feminina eu ainda andava como menino. Sempre ouvi piadinhas de que eu era gay, que paquerava os meninos, ficava com alguns desde cedo. Com uns nove anos fiquei com o primeiro na escola e ficamos várias vezes. A escola descobriu e ficavam nos criticando, dizendo que éramos crianças e chamavam nossos pais, deu vários problemas, reuniões e tudo mais...mas se eu fazia as coisas fora da escola não tinha problema, até porque eu era afeminada, mas não ia vestida de menina, então só brigavam quando viam comportamentos gays na escola e eu evitava porque precisava terminar a escola para poder fazer meu curso e viver a minha vida.”

Observamos com suas palavras que apesar de preconceitos existirem eles foram imensamente mais brandos em comparação com as outras entrevistadas, L. vestia-se como menino, e isso contribuiu para que a mesma completasse seus estudos sem maiores problemas. L. sentia a necessidade de terminar seus estudos e com isso preservou seu desejo de vestir-se como mulher até que completasse seus estudos e seus sonhos.

Conclusão

A sociedade globalizada caracteriza-se pela universalização de valores e sentidos por um lado, e por outro, por uma crescente tribalização de signos e modos de vida. Trata-se da construção de uma subjetividade global e tribalizada acontecendo juntas, num processo que estrutura o sujeito da contemporaneidade.

Foi possível observar através dos dados coletados nas entrevistas com as três travestis o desenvolvimento dos desejos de brincar e trajar-se como meninas, os problemas com as relações de

¹⁵ Entrevista concedida a Dinamara Garcia Feldens e Francis Deon Kich em 24 de maio de 2009.



poder e preconceito em fase escolar, as mudanças físicas com aumento dos cabelos, próteses de silicone, tratamentos hormonais e a busca intensa por um corpo feminino perfeito, mesmo com a falta do desejo da transgenitalização.

Vale ressaltar que analisando as entrevistas coletadas as duas participantes que abandonaram precocemente o seu desenvolvimento escolar, entraram rapidamente no mundo da prostituição, em contrapartida ambas também já possuíam características femininas com a utilização de roupas e acessórios. Seria o preconceito ao diferente um forte propulsor do abandono escolar? Esses abandonos escolares por parte das travestis ainda na infância influenciariam na busca por melhores condições de vida através da prostituição? Uma travesti estaria sempre associada a prostituição ou ela seria alguém que poderia estar em qualquer lugar na sociedade?

Tais temas tornam-se cada vez mais atuais e próximos a nós, porém muito ainda é necessário ser pesquisado, divulgado, tornado vivo, falante, participante, tocante. Este pesquisa, portanto, abre um olhar primeiro para que se aprofunde os estudos acadêmicos sobre esta temática.

Bibliografia

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BINGHAM, W.; MOORE, B. **¿Cómo entrevistar?**. Madrid. Ediciones Rialp. 1960.

CASTEL, Pierre-Henri; **Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995)**; Rev. bras. Hist. v.21 n.41; São Paulo; 2001.

GOELLNER, Silvana Vilodre et AL; **Corpo, Gênero e sexualidade – Um debate contemporâneo na educação**; Petrópolis, RJ; Ed. Vozes; 2007.

LOURO, Guacira Lopes; **Dossiê: Educação, Gênero e Sexualidade; Pro-prosições; V.19; n.2; Campinas; 2008.**